



UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DAS ESCRITORAS BRASILEIRAS DO PERÍODO COLONIAL

Fagner Aires Lima¹
Edilene Ribeiro Batista²

Em *Um teto todo seu*, Virgínia Woolf imagina o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã chamada Judith. Diz a Autora que “qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, ter-se-ia matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada”³. Isso se daria porque, naquela época, a mulher não tinha reconhecimento artístico/literário, não dispoñdo, assim, de condições mínimas para produzir sua obra, a saber, segundo Woolf: um teto todo seu, meia hora realmente sua, acesso a texto de outros autores, renda própria, etc. Ora, tal situação é a mesma pela qual as escritoras brasileiras do Período Colonial passaram – um forçoso silêncio literário e intelectual. A esse respeito afirma Nádía Battella Gotlib:

A condição de subordinação da mulher brasileira, numa sociedade patriarcal de passado colonial, tal como noutros países da América Latina colonizados por europeus, deixou as suas marcas. Talvez a mais evidente delas seja a do silêncio e a de uma ausência, notada tanto no cenário público da vida cultural literária, quanto no registro das histórias da nossa literatura⁴.

A situação acima apresentada se pauta em uma postura social misógina que, por sua vez, não escolhe época e nem lugar. Não é, pois, de se espantar que a Teoria e Crítica Literária Feminista se coloque contra esse posicionamento, procurando, entre outras questões, "revisar o lugar da escritora na história cultural do Brasil, de sua luta por ter acesso à voz, a partir de suas estratégias discursivas e seu diálogo com a autoridade e o poder⁵..." Isso porque o discurso é o uso da linguagem como prática social e não como uma tentativa puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. O discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros. O discurso é uma prática, não apenas de

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins - UFT/Porto Nacional – TO. Participante do grupo de pesquisa, orientado pela Professora Doutora Edilene Ribeiro Batista, “Escritoras Brasileiras do Período Colonial”. fagner.jc@hotmail.com

² Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília - UnB. Desenvolve pesquisas na área de gênero. Atualmente, tem desenvolvido trabalho sobre Escritoras Brasileiras do Período Colonial. É Professora Adjunta, em regime de dedicação exclusiva, no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins - UFT/Campus de Porto Nacional e docente do programa de Mestrado – PPGL - UFT/Campus de Araguaína. Atualmente, é coordenadora do curso de Letras – UFT/CPN. É autora de livros e diversos artigos em revistas. ribeiroedilene@yahoo.com.br

³ WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p.115.

⁴ BRANDÃO, Izabel & MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003, p. 21.

⁵ MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX* – Vol. I. SC: Editora Mulheres, 2000, p.15.



representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Daí a importância de se resgatar o discurso, a voz de mulheres silenciadas pelo cânone literário brasileiro nos primeiros séculos de nossa formação a fim de que, pelo estudo de gênero, possamos desnaturalizar diferenças, analisando questões relativas às estratégias e relações de poder entre homem e mulher para, afinal, concedermos às escritoras da Colônia brasileira verdadeira libertação pelo resgate de registros escritos que representam o inconformismo feminino às regras sociais falocêntricas vigentes naquela época. Isso porque

... a literatura produzida pela mulher baseia-se neste seu universo, sendo mesmo resultante de um corpo que se fez experiência histórica e social, de um psiquismo que se fez cultura. Entre o público e o privado, a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo maneiras inovadoras de estar e de fazer⁶.

Por causa de uma postura de exclusão, na Literatura Brasileira, por exemplo, será a partir do século XX que começam, timidamente, a incluir, em nosso cânone literário, representações femininas. Tanto no Ensino Médio como no Ensino Superior, majoritariamente, se apresentam figuras masculinas como representantes significativas da Literatura Brasileira, como se não houvesse representatividade feminina no processo cultural de nossa nação, perpetuando a falsa idéia de que a formação cultural brasileira foi realizada apenas por homens pois, durante muitos séculos, os críticos e os teóricos omitiram os créditos femininos em termos de produção literária (para citarmos apenas uma área do conhecimento).

Para descrever as conquistas femininas no decorrer do tempo, em *A Mímica Diferença: Masculino e Feminino na Cultura*, Maria Rita Kehl afirma que a mulher tem conseguido galgar, ao longo da história, seu espaço: independência econômica, poder, cultura, possibilidades impensáveis para ela antes restrita ao espaço doméstico. Acrescente-se a esses ganhos, o progressivo conhecimento social da literatura feita por mulheres. Até pouco tempo, essa produção era considerada área marginal, tendo em vista que a escritura feminina se manifestava, principalmente, em literaturas orais, correspondências, narrativas populares, cuja 'qualidade' era sistematizada posta em questão pela crítica literária. Fato é que, ao longo da História, as mulheres deixaram suas marcas. Na área literária, exemplo da participação feminina no Período Colonial brasileiro é Ângela do Amaral Rangel (a Ceguinha/1725-?).

Embora tenha recebido uma educação auditiva, Ângela do Amaral conseguiu obter êxito na escrita, bem como na aprendizagem da língua espanhola. Participante da Academia dos Seletos,

⁶ FERREIRA, Sílvia Lúcia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p.120.



teve sua obra, ainda que pequena (dois sonetos laudatórios ao Excelentíssimo Senhor Gomes Freire Andrade e de dois romances líricos em espanhol), publicada. Graças a isso, essa produção literária não se perdeu. Em seu soneto “Máxima Cristãs, e Políticas”, encontramos: “Ilustre General, vossa Excelência/ Foi por tantas virtudes merecida,/ Que, sendo já de todos conhecida,/ Muito poucos lhe fazem competência”. Trata-se, pelo visto, de um poema elogioso, próprio para ser declamado em reuniões festivas e na Academia.

Bárbara Heliodora (1758-1819), outra escritora do Período Colonial brasileiro, esposa de Alvarenga Peixoto, poeta árcade, foi considerada uma das musas da Inconfidência e tornou-se patrona da cadeira nº 38 da Academia Mineira de Letras. Escreveu dois poemas: “Conselhos de Bárbara Heliodora a seus filhos” e “Amada filha”. No primeiro poema citado, assim inicia a Autora: “Meninos, eu vou ditar/ As regras do bem viver;/ Não basta somente ler,/ É preciso ponderar,/ Que a lição não faz saber/ Quem faz sábios é o pensar”. Esse texto bem retrata a época vivida pela poeta – momento histórico de rebelião; portanto, hora de pensar antes de falar.

Nessa galeria, também se faz presente Maria Josefa Barreto (1775-1837), primeira jornalista do Rio Grande do Sul. Poeta, escritora, feminista engajada, sempre lutou incansavelmente por suas ideias políticas. Fundou uma escola primária mista em sua própria casa, uma vez que, tendo sido abandonada pelo marido, passou a ser responsável pelo sustento de seus filhos. Apontando para uma presença retardada do Arcadismo, em “Aos 55 anos do Senhor D. João VI” (único soneto de sua autoria encontrado), lemos: “Lá onde o Tejo undoso ufano pisa/ Dos brilhantes lauréis já despojada,/ De fúnebre cipreste a frente ornada,/ Lísia envolvida em pranto se divisa”. Essa poesia laudatória apresenta reminiscências bucólicas.

Não para por aí os nomes das demais mulheres que marcaram a história da literatura, no Brasil, no Período Colonial. Citem-se: Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), Maria Clemência Silveira Sampaio (1789-?), Delfina Benigna da Cunha (1791-1857), Ildefonsa Laura César (1794-?), Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (1806-?), o que comprova o postulado por nós defendido de que a presença feminina tem se dado nas letras brasileiras desde o início de sua formação. Entretanto, para se chegar à visão da mulher enquanto ser capaz de produzir, dentre outras áreas, intelectualmente, tabus tiveram que ser rompidos. Ainda hoje, (pré)conceitos necessitam ser desfeitos. O que significa que há muito por fazer. Em termos de Educação Básica no Brasil, por exemplo, nada se tem encontrado nos livros didáticos utilizados no Ensino Médio sobre a produção literária feminina até o final do século XIX. Isso não se deve ao fato das mulheres terem se ausentado da produção escrita nesse período, mas à triste comprovação de que o cânone não as



privilegiou. A lacuna literária que tal atitude provocou precisa ser preenchida, pois é inaceitável que, em pleno século XXI, nossos alunos saiam da escola sem o conhecimento dessas que contribuíram para a construção artística, cultural de nossa nação, seja no Período Colonial, seja nas épocas subsequentes.

Na tentativa de modificar tal concepção é que estamos participando de um grupo de pesquisa sobre “Escritoras Brasileiras do Período Colonial”, organizado e conduzido pela Professora Doutora Edilene Ribeiro Batista, docente do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT/*Campus* de Porto Nacional, cujo objetivo, entre outros, é o de propor um trabalho didático diferenciado por meio de uma revisão literária canônica brasileira e do resgate da memória de escritoras do Período Colonial no intuito de ser esta uma ação inicial para suprir a falha existente na formação cultural/literária brasileira, não só dos alunos dos Ensinos Médio e Superior, mas também dos professores que atuam na Educação Básica.

Como etapa inicial de nossa pesquisa, fizemos um levantamento da fortuna crítica existente sobre o assunto. Depois, apoiados em fundamentos teóricos, começamos a produzir e a apresentar nossos textos em congressos e eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, objetivando a divulgação de nossa pesquisa e de escritoras que ajudaram na formação de nossa literatura.

Objetivamos, com esse trabalho, também capacitar, por meio de cursos voltados para a educação continuada, os profissionais da Rede Pública de Ensino do Tocantins que atuam na área de “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias”, no município de Porto Nacional, cidade-piloto desse projeto, a fim de continuarmos divulgando nosso estudo, comprovando que é possível iniciarmos um trabalho de valorização e de resgate da escrita feminina que alcance a Educação Básica. Essa capacitação será iniciada no segundo semestre letivo do ano de 2010 e alcançará, também, discentes do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT/*Campus* de Porto Nacional.

Entre as sugestões de atividades propostas por nosso grupo de pesquisa aos docentes das redes municipal e estadual de ensino em Tocantins e discentes da UFT/CPN encontram-se compilados filmes e músicas que, sob uma perspectiva interdisciplinar, abordem a temática que está sendo pesquisada. Sendo assim, se fazem presentes nesse *corpus* películas como “As Brumas de Avalon” (do diretor Eli Edel), “A Muralha” (escrita por Maria Adelaide Amaral e dirigida por Denise Saraceni) assim como canções célebres do repertório popular brasileiro: “Maria, Maria” (de Milton Nascimento e Fernando Brant) e “Sete Vidas” (de Marcus Viana), para citarmos algumas. Há, também, sugestões práticas como “Rodas de conversa” sobre um tema pré-estabelecido,



atividades mais elaboradas como o “Bingo Temático”⁷ e proposta de exercícios a serem realizados dentro ou fora da sala de aula.

Não é nossa pretensão esgotar as fontes de pesquisa, os filmes, as músicas e/ou outras atividades que poderão ser utilizadas no contexto educacional. Objetivamos, com essa listagem, apenas sugerir e incentivar os professores a buscarem novos recursos pedagógicos como paródias, musicalização de textos poéticos, iniciação à crítica literária, entre outros.

Enfim, muitos desafios foram enfrentados pelas mulheres no decorrer da História; entretanto, ainda há muito o que se percorrer. Cabe a nós a responsabilidade de continuarmos, nesse Terceiro Milênio, modificando valores que julgamos necessários, seguindo o que estabelece a ONU quanto à eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, a saber:

Toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo que tenha como por objetivo ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos políticos, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo.

A conquista da cidadania plena ainda não foi atingida pelas mulheres; entretanto, a subordinação social do feminino pelo masculino diminuiu sensivelmente, graças ao reconhecimento, por parte das mulheres, de que as relações de gênero, construídas secularmente, são relações desiguais e que prescrevem, para o feminino, papéis de subordinação e, para o homem, um papel de dominação. Ora, se essas relações engendram a subordinação de uns indivíduos e a dominação de outros, são, também, relações de poder que devem ser contestadas, revisadas por meio de uma nova pedagogia, novos métodos e conteúdos, o que implica em uma preparação de docentes para esse novo momento tal como propomos em nossa pesquisa.

Infelizmente, na sociedade patriarcal, as mulheres foram, normalmente, consideradas “intrusas”, sendo marginalizadas em todas as áreas. Afirma Eliane Vasconcellos, em “Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a literatura mineira”:

O escrever para a mulher requeria muita força de vontade e a própria transcendência do seu sexo, pois se afastavam de sua atividade primordial de esposa e de mãe, deixando de lado quem ela devia servir e cuidar. Elas conseguiram burlar esta imposição e nos legaram obras que sem dúvida alguma precisam ser recuperadas⁸.

Nessa tentativa de re-descobrirmos “a memória de ontem”, é que nosso grupo de pesquisa se propôs a também auxiliar a trajetória daqueles que desejarem estudar e analisar a escrita da mulher

⁷ O “Bingo temático” é um jogo interativo. Nele, os alunos recebem cartelas com informações sobre o conteúdo estudado. O professor “canta” as perguntas que deverão ser encontradas nas cartelas entregues aos alunos.

⁸ VASCONCELLOS, Eliane. *Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a literatura mineira*. Texto disponível em: <http://www.mulheraliteratura.ufsc.br/5elianevasconcellosbh.htm>. Acesso em: 02/07/2009, p.1,2.



nos primeiros séculos de nossa literatura. Com esse trabalho; portanto, esperamos contribuir com a Teoria e Crítica Literária Feminista por meio da visão/(re)visão do lugar das escritoras do Período Colonial brasileiro, concedendo a elas visibilidade e voz em meio a uma cultura patriarcal que, preferencialmente, prioriza homens. Objetivamos, também, mostrar que, apesar da ausência dos nomes dessas escritoras em nossa história literária, elas existiram e atuaram, a seu modo, em sua época, de forma corajosa e inovadora, visto que “a literatura não [foi] para as mulheres uma simples transgressão das leis que lhes proibiam o acesso à criação artística. Foi muito mais do que isso, um território liberado, clandestino. Saída secreta da clausura da linguagem e de um pensamento masculino que as pensava e descrevia *in absentia* ⁹”.

Esperamos que essa reconstituição da literatura produzida por mulheres aqui apresentada reflita o processo cultural-social-ético-existencial pelo qual a sociedade vem passando e que se tem externado, entre outras formas, na arte literária. Afinal, como afirma Nelly Novaes Coelho, é na literatura feminina do passado que está centrada “a memória dos tempos em que os valores (hoje questionados ou deteriorados) foram instaurados como ideais a serem vividos. [...] Redescobrir a memória de ontem para uma maior compreensão da vivência do hoje” ¹⁰.

Concluimos com um trecho do poema “A essas e tantas outras...”, de autor desconhecido, no intuito de estabelecer um elogio a todas aquelas que marcaram a nossa História:

A essas e tantas outras...

Essas que se embrenharam mata adentro e se negaram aos colonizadores
e as que colaboraram e casaram com eles,
Essas que embarcaram ainda crianças
e as que ultrapassaram os limites da chegada,

Essas que levaram chibatadas e marcas de ferro quente
e as que se revoltaram e fundaram quilombos,
Essas que vieram embaladas por sonhos
e as que atravessaram nos porões da escuridão,
Essas que geraram filhas e filhos
e as que nunca pariram,

[...]

Essas que desafinaram o coro do destino
e as que com isso abriram as alas e as asas,
Essas que ficaram de fora
e aquelas que ainda virão,
Essas e tantas outras que existiram dentro da gente
e as que viveram por nós ¹¹.

⁹ FERREIRA, Sílvia Lúcia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p.119.

¹⁰ COELHO, Nelly, Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. SP: Escrituras, 2002, p.17.

¹¹ *A essas e tantas outras...* In: SCHUMAHAR, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (orgs). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2000, p.16.



Bibliografia

- BOECHAT, Walter (org). *O masculino em questão*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Izabel & MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. SP: Escrituras, 2002.
- FERREIRA, Sílvia Lúcia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.
- HEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. RJ: Imago, 1996.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX – Vol. I*. SC: Editora Mulheres, 2000.
- ROLKA, Gail Meyer. *100 mulheres que mudaram a história do mundo*. RJ: Ediouro, 2004.
- VASCONCELLOS, Eliane. *Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a literatura mineira*. Texto disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/5elianevasconcellosbh.htm>. Acesso em: 02/07/2009.